

## Os públicos da cultura de Santa Maria da Feira Resultados preliminares de uma pesquisa

João Teixeira Lopes<sup>1</sup> e Bárbara Aibéo<sup>2</sup>

### Notas introdutórias

O presente trabalho pretende analisar a composição social dos públicos da cultura de Santa Maria da Feira bem como as suas práticas e representações, particularmente no que se refere às actividades incluídas na programação cultural organizada pela autarquia. De igual modo, foi nosso objectivo proceder à identificação do grau de satisfação com a oferta cultural em múltiplas dimensões, bem como propiciar a detecção de «variáveis alteráveis» na programação cultural e no circuito produção/difusão/recepção. Trata-se, na verdade, de um processo em várias fases, iniciado com cinco pesquisas direccionadas para as distintas áreas de programação cultural da autarquia: associativismo, museus e património, artes do espectáculo, animação de rua e leitura e biblioteca municipal<sup>3</sup>. Cada uma destas pesquisas deu origem a um relatório autónomo. Esta comunicação, aliás, provém do relatório de síntese.

Em seguida, propusemo-nos divulgar em vários fóruns os resultados da investigação: antes de mais, ao executivo camarário e, em particular ao pelouro da cultura. Em seguida, à equipa técnica do sector da cultura. De igual modo, sugerimos dois colóquios: um, de índole científica e de pendor académico; outro, de divulgação à população de Santa Maria da Feira.

Finalmente, sugerimos, ainda, a organização de ateliers de formação com a equipa técnica do sector da cultura, de molde a operacionalizar os resultados da pesquisa num trabalho de diagnóstico/avaliação das lógicas de estruturação da oferta cultural autárquica, no intuito de (re) pensá-la à luz da informação recolhida, motivando a reflexividade institucional e a sua tradução em novas práticas.

### 1. O que faz um público?

O texto que agora se apresenta alimenta-se, naturalmente, dos relatórios parcelares das diferentes áreas de programação cultural. Contudo, o seu cerne consiste, acima de tudo, na obtenção de uma visão extensiva e panorâmica, o que significa, desde já, que haverá um centramento quase exclusivo nos dados obtidos no inquérito por questionário.

Importa, no início deste trabalho, questionar a sua noção axial. O que faz um público e em, particular, um público da cultura? Dito de outro forma, que dimensões deveremos identificar de maneira a superar a preguiça intelectual tantas vezes presente nos usos correntes do (pré)conceito?

A questão está longe de ser pacífica. Wright Mills, o famoso sociólogo americano que viu celebrizado, em jeito de *slogan*, um título de uma conhecida obra (*A Imaginação Sociológica*) propõe, o que poderá constituir um primeiro passo para a delimitação do campo conceptual, a distinção entre *público* e *massa*: “ Num público (...) virtualmente tantas pessoas expressam opiniões quantas as que as recebem. As comunicações são organizadas de tal modo que há uma oportunidade imediata e efectiva de responder a qualquer opinião expressa em público (...) numa massa, muito menos gente expressa opiniões (...), pois a comunidade do

---

<sup>1</sup> Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - E-mail: jnteixeiralopes@mail.telepac.pt

<sup>2</sup> Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - E-mail: baibeo@letras.up.pt

<sup>3</sup> - Da autoria, respectivamente, de Francisco Faria, João Pérola e Luís Monteiro, Liliana Abreu e Rui Oliveira, Helena Fernandes e, finalmente, Maria João Teixeira.

público torna-se uma colecção abstracta de indivíduos que recebem impressões dos meios de comunicação de massa”<sup>4</sup>.

Não é por acaso que as citações de Mills provêm de uma obra seminal de Habermas, o teórico da esfera pública e do agir comunicacional. De facto, de acordo com a distinção operada, do lado do público existe reciprocidade, comunicação e expressão pública de opinião. Do lado da massa, défice de participação na comunicação e dependência face a determinados centros emissores.

Michael Warner, ensaísta americano que estuda os discursos *da e para* a esfera pública, alerta para o cariz polémico do conceito. Desde logo, pela sua contingência: mesmo possuindo uma inteligibilidade comum que permite ultrapassar as condições particulares em que se forma, um público não é uma realidade universal, variando, por isso, de contexto para contexto, de instituição para instituição, de «mundo da cultura» para «mundo da cultura». Assim sendo, ele afasta-se de todos aqueles para quem, “em ciências sociais, o público é meramente uma entidade existente a ser empiricamente estudada”<sup>5</sup>, nomeadamente através dos métodos quantitativos, *máximo* o inquérito por questionário e a análise estatística.

Warner define sete características constitutivas do público: auto-organização; estabelecimento de uma relação entre estranhos; uma interpelação simultaneamente pessoal e impessoal; mobilização cognitiva; um espaço social criado pela “circulação reflexiva do discurso”, aberto à polémica e ao diálogo infinito; uma temporalidade associada à própria circulação dos discursos; uma forma de ver e fazer o mundo.

Parece-nos fundamental realçar a ideia de que importa questionar as condições que agregam as pessoas num determinado público, bem como o facto de esse público ser mais do que o somatório dos indivíduos que nele se agrupam.

A primeira grande questão prende-se com o seu processo de constituição. Warner defende que possuímos um conhecimento prático sobre os públicos a quem nos dirigirmos ou que queremos produzir através da organização e circulação de um determinado discurso. Mesmo inconscientes, latentes e implícitos, tais mecanismos radicam em decisões de “forma, estilo e procedimento”<sup>6</sup>, retóricas que produzem os seus efeitos, que atraem ou afastam, que ampliam ou reduzem possibilidades de constituição de públicos. No entanto, como refere Warner, muitas das variáveis presentes na construção de um público escapam à simples vontade de criadores ou programadores, ou outros intermediários culturais, remetendo-nos para “a organização dos media, as ideologias interpretativas, as instituições de circulação” e dos conflitos que entre estas instâncias se geram. Por outro lado, *do lado de cá*, se assim o podemos expressar, pertencer a um público é “ser um certo tipo de pessoa, habitar um certo tipo de mundo social, ter ao seu dispor certos media e géneros, estar motivado por um determinado horizonte normativo e falar dentro de uma determinada linguagem ideológica”<sup>7</sup>. É deste encontro – polémico, provisório, dialógico, infinito – que se fazem e desfazem os públicos.

## 2. Questões metodológicas

Optámos, no processo de recolha, selecção e tratamento de informação pela conjugação de procedimentos metodológicos diversos, na senda do eclectismo metodológico que temos vindo a defender. As cinco pesquisas iniciais utilizaram, assim, o inquérito por questionário<sup>8</sup>, centrado na identificação das práticas culturais dos públicos de Santa Maria da Feira, bem como da sua mobilização cognitiva no que se refere às motivações e representações em relação à oferta cultural da cidade.

De igual modo, aplicámos a entrevista em duas fases distintas da pesquisa. Numa fase de cariz exploratório, entrevistámos, com um guião muito flexível, o lado da oferta,

---

<sup>4</sup> - Vd. Jurgen Habermas, *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1984, p. 289.

<sup>5</sup> - Michael Warner, *Publics and Counterpublics*, New York, Zone Books, 2002, p. 15.

<sup>6</sup> - Idem, *ibidem*, p. 14.

<sup>7</sup> - Idem, *ibidem*, p. 10.

<sup>8</sup> - Obtiveram-se 1873 inquéritos.

consubstanciada em informantes privilegiados oriundos quer do campo político, quer da intermediação cultural (programadores e produtores culturais, técnicos do sector da cultura da autarquia).

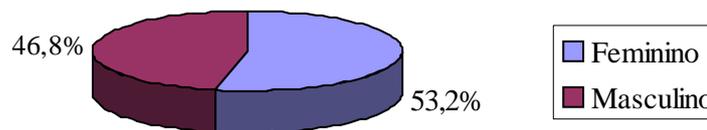
A sociologia visual, patente na observação deambulante, no accionar de uma grelha de observação metódica e sistemática, aplicável a quadros de interacção onde decorriam eventos culturais e a utilização da fotografia social, permitiu-nos, ainda, incursões etnográficas no extraordinário do quotidiano da animação cultural.

### 3. Perfis sociográficos – em busca de uma singularidade.

A repartição dos inquiridos por género revela uma quase equivalência, apesar da maior presença feminina (**gráfico nº 1**).

Gráfico nº 1

#### Sexo do inquirido



Estes dados, ainda assim, não deixam de ser social e culturalmente relevantes. Com efeito, tendo em conta a «tradicional» menor visibilidade das mulheres no espaço público e semipúblico<sup>9</sup> – sendo este qualificativo de «tradicional» sinónimo da persistência de lógicas ancestrais de dominação masculina, traduzida, de forma particular, pelo controle do acesso das mulheres aos espaços onde poderiam não só apresentar-se como representar-se perante um número relativamente elevado de pessoas, com os riscos, daí decorrentes, de se lhes tornar possível o uso da palavra e a assimilação de elementos e traços culturais exógenos à esfera doméstica, pilar das lógicas de reprodução familiar – significam uma evolução a que não serão alheios factores como a sobreescolarização feminina, o processo de urbanização, o aumento da participação da mulher no mercado de trabalho, os novos modelos familiares e os emergentes padrões sócio-demográficos.

Sabendo-se que qualquer especificidade só é delineável mediante uma análise comparativa, urge cotejar estes resultados com os de outros estudos de públicos. No que diz respeito à pesquisa coordenada por Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna, relativa a cinco cidades portuguesas (Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto<sup>10</sup>) as mulheres apresentam índices de frequência cultural consideravelmente inferiores aos dos homens. Em relação aos

<sup>9</sup> - Patente, inclusivamente, no universo das práticas culturais dos jovens, nomeadamente na subrepresentação feminina nos tempos livres de sociabilidade local e urbana. Como refere Rui Telmo Gomes, verifica-se, ainda, “a reprodução de condicionamentos tradicionais que prendem a mulher à casa para aquelas jovens que a escola exclui” – Vd. Rui Telmo Gomes “Sociografia dos lazeres e práticas culturais dos jovens portugueses” in José Machado Pais e Manuel Villaverde Cabral (coordenadores), *Conduitas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo*, Oeiras, Celta, 2003, p. 263.

<sup>10</sup> - Vd. Carlos Fortuna e Augusto Santos Silva (orgs), *Projecto e Circunstância. Culturas Urbanas em Portugal*, Porto, Afrontamento, 2002.

públicos do Porto 2001, os dados são similares aos da nossa amostra<sup>11</sup> e igualmente correspondem, grosso modo, ao *Inquérito à Ocupação do Tempo* do Instituto Nacional de Estatística<sup>12</sup> no que concerne aos espectáculos ao vivo. Poderíamos ainda dizer, simplesmente, que a amostra traduz, de maneira quase fidedigna, a composição sexual da população portuguesa. No entanto, voltamos a salientar que é um factor da maior importância constatarmos que, numa cidade média, as «práticas culturais de saídas» já não são condicionadas, pelo menos de forma manifesta, por obstáculos de género.

No que à idade diz respeito importa, desde logo, salientar a intensa juvenilidade da amostra (**Quadro I**).

**Quadro I - Idade em categorias**

Idade	N	%
Até 15 anos	107	5,7
de 16 aos 25 anos	706	37,7
de 26 aos 35 anos	432	23,1
de 36 aos 45 anos	289	15,4
de 46 aos 55 anos	169	9,0
de 56 aos 65 anos	94	5,0
mais de 65 anos	67	3,6
Total	1864	99,5
Não resposta	9	0,5
Total	1873	100

Com efeito, o público adolescente e «pós-adolescente» ronda os 44%, percentagem que sobe para 66,5% se incluirmos o segmento dos «jovens adultos» (dos 26 aos 35 anos). O peso relativo dos idosos (com mais de 65 anos) é quase residual. Estes dados encontram-se associados ao estado civil dos inquiridos. De facto, quase 60% são solteiros (**Quadro II**).

**Quadro II - Estado civil do inquirido**

Estado Civil	N	%
Solteiro(a)	1094	58,4
Casado(a)	649	34,7
União de facto	32	1,7
Divorciado(a)/Separado(a)	62	3,3
Viúvo(a)	28	1,5
Total	1865	99,6
Não respostas	8	0,4
Total	1873	100

E, se atentarmos no cruzamento dos grupos etários pelo estado civil (**Quadro III**), logo confirmamos que, até aos 26-35 anos, predominam os solteiros. Sinal evidente de como se adiam as opções conjugais, o que se encontra relacionado, por sua vez, com a intermitência das «entradas» juvenis na vida adulta, pelo «ensaiar» de múltiplas situações perante o trabalho, a

<sup>11</sup> - Vd. Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *Públicos do Porto 2001*, Lisboa. Observatório das Actividades Culturais, 2002.

<sup>12</sup> - Cf. A análise feita por José Soares Neves, "Práticas culturais dos portugueses (2): espectáculos ao vivo" in *Folha Obs*, nº 3, 2001.

escola e a formação, cabendo na emergente condição das trajetórias pós-lineares<sup>13</sup>. Como afirma José Machado Pais, “Os jovens desdobram-se em personagens possíveis de vários guiões de futuro, mas o futuro imaginado por eles assemelha-se a jardins labirínticos de sendas que bifurcam”, evidência, afinal, de “trajetórias alongadas, fracturadas, adiadas, frustradas”<sup>14</sup>, mas que, paradoxalmente, os projectam para um contexto de maior disponibilidade (embora essa disponibilidade seja apropriada e distribuída desigualmente de acordo com os recursos, de diversa índole, que os jovens possuem).

**Quadro III - Estado civil do inquirido por grupos etários %**

Idade em categorias Estado civil Do inquirido	Idade em categorias							Total
	Até 15 anos	16 aos 25 anos	26 aos 35 anos	36 aos 45 anos	46 aos 55 anos	56 aos 65 anos	mais de 65 anos	
<b>Solteiro(a)</b>	5,8	36,3	11,7	3,4	1,2	0,2	0,2	58,8
<b>Casado(a)</b>	0,0	1,3	9,5	10,5	6,8	3,8	2,8	34,7
<b>união de facto</b>	0,0	0,4	0,9	0,4	0,0	0,1	0,0	1,7
<b>divorciado(a)/separado(a)</b>	0,0	0,0	0,9	1,1	0,8	0,5	0,0	3,3
<b>viuvo(a)</b>	0,0	0,0	0,1	0,1	0,3	0,5	0,6	1,5
<b>Total</b>	5,8	38,0	23,0	15,5	9,0	5,1	3,6	100,0

Desta forma, confirmando todos os anteriores trabalhos sobre práticas culturais em contexto urbano, a predisposição para uma forte cultura de saídas é favorecida por determinadas condições objectivas: alongamento da «juventude», fenómeno indissociável, por sua vez, do prolongamento da escolaridade e da dependência face ao parentesco (o chamado «período de moratória») e da condição de solteiro. De igual modo, estar casado e ter filhos parece constituir um acelerador muito significativo de um brusco «envelhecimento cultural», marcado pela renúncia à cultura de saídas e por uma retracção na esfera doméstica. É certo que o reforço das tendências sócio-demográficas que vão no sentido de um casamento cada vez mais tardio e, em simultâneo, de uma idade cada vez mais avançada aquando do nascimento do primeiro filho, permitem o alongamento da disponibilidade juvenil favorecendo, concomitantemente, todas as modalidades de apropriação e fruição desse hiato, ora desejado, ora forçado. Ocupar essa passagem sem dela ficar prisioneiro propicia lógicas de investimento juvenis na comunicação interpessoal e convivial, na «aventura do quotidiano» e na esfera dos lazeres<sup>15</sup>.

A *singularidade* dos públicos da cultura de Santa Maria da Feira começa a surgir quando analisamos o perfil dos inquiridos de acordo com o seu capital escolar (**Quadro IV**). Conhecida a íntima correlação entre o capital escolar e a disposição para saídas culturais activas e frequentes, em particular face ao campo da chamada «cultura erudita» (mas extensível, igualmente, a todo o tipo de consumos e práticas exo-domiciliares, incluindo as pertencentes à galáxia da «cultura-espectáculo» e às indústrias culturais)<sup>16</sup>, a esmagadora maioria dos estudos de caso demonstram um défice cultural massivo, cumulativo e socialmente selectivo. Massivo porque amplamente generalizado, em boa parte devido à própria raridade que os altos níveis de capital escolar ainda representam na sociedade portuguesa; cumulativos, porque, em geral, os públicos ausentes estão efectivamente distanciados de um amplo leque de práticas e géneros culturais e artísticos, somando exclusões; socialmente selectivo, na medida em que a posse de

<sup>13</sup> - Vd. José Machado Pais, *Ganchos, Tachos e Biscates*, Porto, Ambar, 2001.

<sup>14</sup> - Idem, *ibidem*, p. 8.

<sup>15</sup> - Vd. José Machado Pais, *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994.

<sup>16</sup> - Augusto Santos Silva e Helena Santos falam mesmo do cariz *revelador* do nível de escolaridade, funcionando como “revelador de diferenças e desigualdades sociais, de que constitui, ao mesmo tempo, produto e factor de reprodução, reforço (e, não esqueçamos, alguma alteração) – Vd. Augusto Santos Silva e Helena Santos, *Prática e Representação das Culturas: Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais, 1995, p. 22.

um alto volume de capital escolar continua, ainda, muitíssimo associada à lógica da *herança* ou, dito por outras palavras, a níveis igualmente elevados de escolaridade por parte dos progenitores (elemento que merece sempre, no caso da formação social portuguesa, uma exigência de contextualização – níveis de escolaridade elevados ou acima da média de gerações anteriores serão sempre, por comparação com os valores médios da União Europeia, consideravelmente desvalorizados<sup>17</sup>).

**Quadro IV - Nível de escolaridade do próprio - N=1873**

Nível de escolaridade	N	%
Não sabe ler nem escrever	4	0,2
Sabe ler e escrever sem grau de ensino	10	0,5
1º ciclo do ensino básico	132	7,0
2º ciclo do ensino básico	152	8,1
3º ciclo do ensino básico	254	13,6
Ensino secundário	434	23,2
Bacharelato	129	6,9
Licenciatura	522	27,9
Mestrado	49	2,6
Doutoramento	9	0,5
Total	1695	90,5
Não respostas	178	9,5
Total	1873	100

Natália Alves demonstra bem, a partir de um inquérito aos jovens portugueses, que o insucesso escolar, o número de reprovações e o simples facto de se estar a estudar encontram correspondência no capital escolar de origem familiar. De igual modo, os jovens, filhos de pais pouco escolarizados, que abandonaram precocemente a escola (e que não manifestam qualquer arrependimento pelo facto, confirmando uma representação assaz difundida de inutilidade social da escola), são, também eles, quando chegados à condição de pais, dos que menos investem na escolaridade dos filhos – em suma, a força titânica da reprodução social<sup>18</sup>.

Ora, o perfil escolar dos públicos da cultura de Santa Maria da Feira demonstra uma variedade significativa e não uma concentração esmagadora, como seria de esperar, nos mais altos níveis de ensino. É certo que os inquiridos com licenciatura representam 27,9%, estando sobre representados face à estrutura da população portuguesa, mas., em percentagem acumulada, 61,5% possui o ensino secundário ou menos.

Comparando o nível de escolaridade dos inquiridos com o nível de escolaridade da mãe e do pai é ainda visível uma grande descoincidência, no sentido de uma mais intensa escolarização por parte dos respondentes, facto associado à sua juventude, ou seja, à sua clara exposição aos processos recentes de expansão dos níveis superiores de ensino. O valor modal de capital escolar para a mãe e o pai situa-se no 1º ciclo do ensino básico, seguido, a uma significativa distância, no caso da mãe, pelo 2º ciclo do ensino básico e, no caso do pai, pelo ensino secundário. Para os inquiridos, o valor modal é a licenciatura, surgindo em segundo lugar o ensino secundário. Atente-se que, mesmo no respeitante à escolaridade dos

<sup>17</sup> - Vd. António Firmino da Costa *et al.*, “Classes Sociais na Europa” in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 34, 2000.

<sup>18</sup> - Vd. Natália Alves, “Escola e trabalho. Atitudes, projectos e trajectórias” in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coordenadores), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta, 1998.

progenitores, verifica-se, face à população portuguesa, um perfil muito mais selectivo – mais escolarizado. No entanto, as disparidades intergeracionais indicam, não só um claro investimento nos recursos escolares, como forma de mobilidade social ou enquanto modalidade de conversão de capital económico em capital escolar, como permitem avançar a hipótese do cariz «moderno» (isto é recente e pouco consolidado) do capital cultural dos inquiridos, fruto, num número significativo de casos, de uma aquisição própria (oposta à lógica da «herança» e da reprodução). Dito de outra forma, lidamos com públicos onde muitos praticantes culturais são recém-chegados aos mundos da cultura, o que não poderá deixar de ter implicações no delinear da política cultural autárquica.

Essa *singularidade* prolonga-se ao observarmos o cruzamento do nível de escolaridade dos inquiridos com a variável sexo (**Quadro V**). Com efeito, é fortemente distinta a distribuição dos recursos escolares consoante o género. Para 188 inquiridos do sexo masculino com um curso superior (licenciatura) existem 334 mulheres. No caso dos mestrados, apesar dos valores serem globalmente pouco expressivos, as inquiridas com esta qualificação académica praticamente dobram o número de inquiridos. Paralelamente, os níveis mais baixos de capital escolar (até ao 3º ciclo do ensino básico) são maioritariamente masculinos.

**Quadro V** - Nível de Escolaridade por sexo do inquirido - N=1695

Sexo do inquirido Nível de escolaridade - próprio	Masculino		Feminino		Total	
	N	%	N	%	N	%
Não sabe ler nem escrever	2	0,2	2	0,2	4	0,2
Sabe ler e escrever sem grau de ensino	5	0,6	5	0,6	10	0,6
1º ciclo do ensino básico	79	9,8	53	6,0	132	7,8
2º ciclo do ensino básico	85	10,6	67	7,5	152	9,0
3º ciclo do ensino básico	141	17,5	113	12,7	254	15,0
Ensino secundário	244	30,3	190	21,3	434	25,6
Bacharelato	40	5,0	89	10,0	129	7,6
Licenciatura	188	23,4	334	37,5	522	30,8
Mestrado	17	2,1	32	3,6	49	2,9
Doutoramento	4	0,5	5	0,6	9	0,5
<b>Total</b>	<b>805</b>	<b>100,0</b>	<b>890</b>	<b>100,0</b>	<b>1695</b>	<b>100,0</b>

Outra dimensão da *singularidade* destes públicos prende-se com a heterogeneidade das proveniências geográficas. O mesmo é dizer que a oferta cultural estruturada pela autarquia de Santa Maria da Feira alcança, com algum significado, públicos de fora do concelho. Se atentarmos no **Quadro VII** verificamos que, apesar da forte concentração no distrito de pertença (Aveiro), dezanove em cada cem inquiridos são provenientes do vizinho distrito do Porto.

**Quadro VII - Zona de residência (%)**

<b>Distritos</b>	<b>%</b>	<b>Distritos</b>	<b>%</b>
Viana do Castelo	0,2	Leiria	0,3
Bragança	0,2	Castelo Branco	0,3
Braga	2,8	Santarém	0,8
Vila Real	0,1	Lisboa	2,1
Porto	19,1	Évora	0,2
Viseu	0,4	Setúbal	1,1
Aveiro	62,9	Açores	0,4
Guarda	0,8	Madeira	0,1
Coimbra	0,1	Não Respostas	8,2
		<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Se fizermos uma breve comparação com a composição dos públicos da Porto 2001 segundo a residência<sup>19</sup>, constatamos que dois em casa dez respondentes eram oriundos de fora do Grande Porto.

A diferença poderá, à primeira vista, não parecer nada significativa. No entanto, importa ter em conta a escala de referência. Santa Maria da Feira é uma cidade de média dimensão, muito bem servida por modernas acessibilidades e fazendo parte, é certo, de um continuum que alguns não hesitem em classificar de «Porto, região». Todavia, não tenhamos ilusões: os movimentos pendulares são em direcção ao Porto. Na esfera da cultura, parece conseguir-se, ainda que tenuamente, inverte a unidireccionalidade. Habitantes do distrito do Porto sentem-se atraídos pela oferta cultural de Santa Maria da Feira, apesar de uma concentração assinalável de investimentos, criadores e equipamentos na cidade do Porto. Mesmo a «distante» Área Metropolitana de Lisboa contribui com 2,1% do contingente de públicos, valor semelhante às proveniências do distrito de Braga. Além do mais, Porto 2001 constitui o que hoje se chama comumente um «grande evento», de cariz excepcional e marcado por um clímax na quantidade, diversidade e qualidade da oferta cultural. Ainda assim, Santa Maria da Feira alcança resultados similares. Mais adiante, tentaremos perceber a pluralidade causal associada a este facto.

Internamente ao concelho, a grande concentração manifesta-se na freguesia-sede, com o mesmo nome. De facto, o efeito aglutinador da freguesia e cidade de Santa Maria da Feira não se deve tanto ao peso relativo dos inquiridos que aí habitam, mas mais à autêntica pulverização verificada nas restantes freguesias, o que reforça a referida centralização.

Vejamos, finalmente, a composição social dos públicos por lugar de classe<sup>20</sup> (**Quadro VIII**). A diversidade social é marcante, mesmo tendo em conta a especial concentração de inquiridos no lugar de classe correspondente às «novas classes médias urbanas» qualificadas e escolarizadas – a PBIC (Pequena Burguesia Intelectual e Científica) – com elevados recursos, não só em credenciais académicas, mas também em autonomia e autoridade no processo de trabalho. Confirma-se, ainda, a já referida sobreescolarização feminina – este lugar de classe, com efeito, tem quase duas vezes mais mulheres do que homens.

<sup>19</sup> - VD. Maria de Lourdes Lima dos Santos (coord.), *op. cit.*, p. 77.

<sup>20</sup> - Os lugares de classe foram construídos de acordo com a tipologia proposta por João Ferreira de Almeida, António Firmino da Costa e Fernando Luís Machado – cf. “Famílias, estudantes e universidade – painéis de observação sociográfica” in *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº 4, 1988 e “Estudantes e amigos – trajectórias de classe e redes de sociabilidade” in *Análise Social*, nº 105-106, 1990.

**Quadro VIII - Lugar de classe do próprio**

Lugar de Classe	N	%
<b>BEP</b>	88	4,7
<b>BD</b>	10	0,5
<b>BP</b>	36	1,9
<b>BDP</b>	1	0,1
<b>PBIC</b>	397	21,2
<b>PBTEI</b>	65	3,5
<b>PBIP</b>	84	4,5
<b>PBA</b>	9	0,5
<b>PBPA</b>	48	2,6
<b>PBAP</b>	63	3,4
<b>PBE</b>	157	8,4
<b>PBEP</b>	139	7,4
<b>OI</b>	98	5,2
<b>AO</b>	180	9,6
<b>OP</b>	16	0,9
<b>Outros</b>	143	7,6
<b>Total</b>	1534	81,9
<b>Sem informação</b>	339	18,1
<b>Total</b>	1873	100,0

De facto, a concentração nos lugares de classe do operariado (industrial, agrícola e pluriactivo) é claramente superior à distribuição pelas fracções da burguesia. Por outro lado, o segundo lugar de classe mais representado é a PBE (Pequena Burguesia de Execução) correspondente a trabalhadores por conta de outrem no terciário inferior, em actividades de baixo valor acrescentado, associadas a fracos recursos em termos de qualificações e a tarefas rotineiras e pouco autónomas. *O alargamento social de públicos é, pois, altamente significativo.* Basta compararmos com outros estudos recentes. No caso do estudo da Porto 2001<sup>21</sup>, o peso relativo dos públicos significando, eventualmente, alargamento social, quedava-se pelos 15%<sup>22</sup>, percentagem semelhante à encontrada no estudo do perfil social dos públicos do Teatro Nacional São João<sup>23</sup> e bastante superior à apresentada na pesquisa sobre os públicos do festival de Almada<sup>24</sup>.

<sup>21</sup> - Vd. Maria de Lourdes Lima dos Santos, *op. cit.*, p. 92.

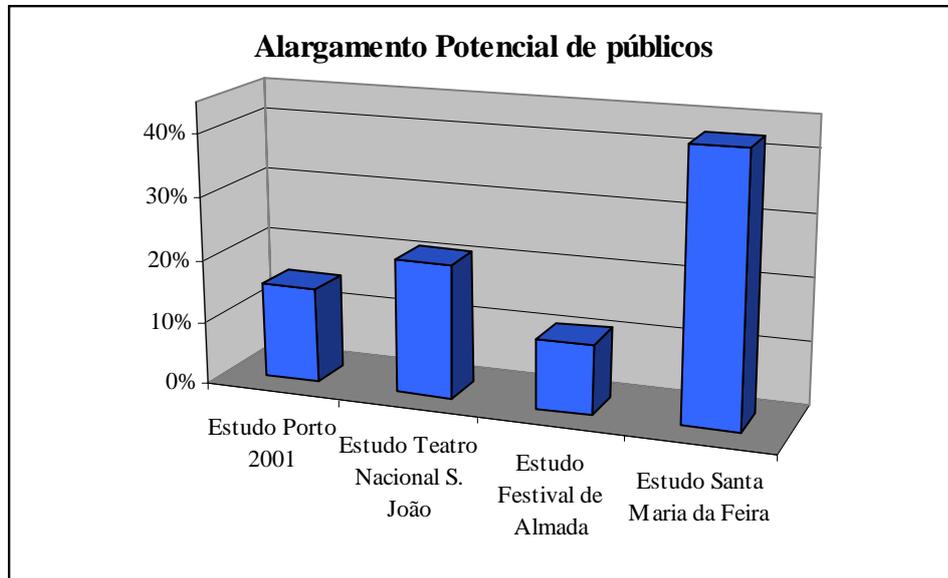
<sup>22</sup> - Classificados, de acordo com a terminologia utilizada nesse estudo, por «trabalhadores da indústria, comércio e serviços».

<sup>23</sup> - Vd. Maria de Lourdes Lima dos Santos e João Sedas Nunes (coord.), *Públicos do Teatro S. João*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, 2001, p. 39. Consideram-se as categorias classificadas como OPB (outras pequenas burguesias) e O (operariado).

<sup>24</sup> - Vd. Rui Telmo Gomes (coord.), *Públicos do Festival de Almada*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, 2000, p. 46. É certo que, neste caso, a comparação directa afigura-se mais complexa. Para além dos trabalhadores da indústria, comércio e serviços (apenas 4% da amostra), deveríamos certamente incluir, no segmento do «alargamento social», uma parte importante dos reformados (7%).

De igual modo, nas cinco cidades estudadas pela equipa coordenada por Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna<sup>25</sup> (Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães, Porto), o potencial alargamento no conjunto dos consumidores regulares cifrava-se em 18,9%<sup>26</sup>.

Gráfico2



Importa ter, é sabido, uma certa prudência. Os dados nada nos dizem, por enquanto, do grau de participação e de identificação do público com os eventos. Não sabemos ainda, por exemplo, se são públicos *habituais*, *erráticos* ou mesmo *raros*. Mas a simples presença, numa amostra tão significativa, de uma tal diversidade social e, em particular, de lugares de classe associados a baixos recursos económicos, culturais e sociais, é, só por si, um elemento extremamente relevante a ter em conta.

### Notas finais, pistas a explorar

A estruturação dos públicos da cultura de Santa Maria da Feira é um processo que assenta num encadeamento de contingências. Não se constrói um público num vazio comunicacional ou por mera intencionalidade política. Não existem, ademais, receitas ou cartilhas sociológicas. Os públicos existem em torno de uma tríade fundamental que reúne a criação, a difusão e a recepção culturais contextualizadas. O que significa, desde logo, uma atenção particular aos meios e modos de produção cultural, à *materialidade* da obra e dos conteúdos que fazem uma determinada programação cultural, mas também às suas características intrínsecas: códigos, linguagens, formas de expressão de sentido que mais não são do que uma gramática de *fabricação* cultural. Mas que remete, igualmente, para factores locativos e para a (não) existência de meios (e condições) de inovação. E, não menos importante, que vê o seu campo de possíveis alargar-se ou fechar-se de acordo com a estrutura social local e as recomposições a que está sujeita. Já para não falar dos próprios *cenários de interacção* que integram as configurações da recepção cultural.

Não existirá, porventura, e à laia de enunciado hipotético, uma intrincada relação entre o potencial alargamento de públicos que os dados sociográficos nos apontam e a aposta sistemática e estratégica da autarquia nas artes do espectáculo ao ar livre – longe da institucionalização de outras obras, propiciando apropriações mundanas e profanas, facilitando intersecções e cruzamentos com a experiência quotidiana, favorecendo empatias sensoriais e *culturalizando* a própria cidade, de forma difusa? Questões que prosseguem – que nos obrigam a prosseguirem.

<sup>25</sup> - Cf. *Projecto e Circunstância...op. cit.*, p. 173.

<sup>26</sup> - Correspondente ao somatório das categorias “empregados”, “pequenos independentes” e “operários industriais”.